

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

REGINA GAUER NOGUEIRA

PARTICULARIDADES NO ATENDIMENTO PSICOTERAPÊUTICO  
DE BRASILEIROS EXPATRIADOS

SÃO PAULO/SP  
2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

REGINA GAUER NOGUEIRA

PARTICULARIDADES NO ATENDIMENTO PSICOTERAPÊUTICO  
DE BRASILEIROS EXPATRIADOS

Trabalho de conclusão de curso realizado como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientadora: Professora Dra. Ivelise Fortim de Campos

São Paulo/SP  
2022

## RESUMO

NOGUEIRA, Regina Gauer. **Particularidades no atendimento psicoterapêutico de brasileiros expatriados.**

Este trabalho buscou elencar e estudar temas relevantes para a psicoterapia de brasileiros voluntariamente expatriados. Foram analisadas as particularidades das vivências apresentadas pelos indivíduos expatriados a partir da percepção de seus terapeutas, buscando elencá-las e compreendê-las, criando um material consistente que trata dos principais temas ligados à situação dos expatriados e à sua psicoterapia. Foram explorados os aspectos psíquicos ligados a esta decisão, motivações conscientes e inconscientes e situações facilitadoras e dificultadoras no processo de expatriação, criando um mapeamento dos aspectos mais importantes ligados a estas vivências de mergulho na alteridade. Os resultados obtidos reforçaram a literatura existente, constatando-se a fuga de situações difíceis no país de origem, busca de separação dos pais e procura por identidade como motivos inconscientes relatados pelos terapeutas. O uso da língua materna na terapia se mostrou uma possibilidade de respiro e contato com a cultura de origem, se contrapondo à língua estrangeira, que segundo os terapeutas é mais utilizada em situações de grande impacto emocional como mecanismo de defesa.

**Palavras-chave:** expatriação; psicoterapia; imigração

## SUMÁRIO

1	Introdução .....	8
2	ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA EXPATRIAÇÃO .....	11
2.1	Motivações ligadas à expatriação .....	11
2.2	Língua Materna .....	14
2.3	Vivências da Expatriação .....	15
2.3.1	Nem cá, nem lá .....	16
2.3.2	Contato com a alteridade .....	19
3	Facilitadores e Dificultadores do processo de expatriação .....	21
3.1	Fatores ligados à expatriação .....	21
3.2	Sobre a família .....	23
3.2.1	Família que vai junto .....	23
3.2.2	Filhos que não escolheram a expatriação .....	23
3.3	Características Brasileiras .....	24
4	Objetivos .....	26
4.1	Objetivos Gerais .....	26
4.2	Objetivos Específicos .....	26
5	Método .....	27
5.1	Seleção da Amostra .....	27
5.1.1	Critérios de Inclusão .....	27
5.1.2	Critérios de Exclusão .....	27
5.1.3	Local e Coleta de dados .....	27
5.2	Instrumento .....	28
5.3	Procedimento .....	28
5.3.1	Cuidados Éticos .....	28
5.3.2	Riscos .....	28
5.3.3	Benefícios .....	29
5.3.4	Desfecho primário .....	29
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	30
6.1	Dados demográficos e prática profissional da amostra .....	30
6.1.1	Gênero .....	30
6.1.2	Tempo de formação .....	31
6.1.3	Abordagem teórica .....	31

6.2	Questões relativas à psicoterapia .....	32
6.2.1	Temáticas tratadas na psicoterapia.....	32
6.2.2	Motivações explicitadas pelos pacientes na psicoterapia.....	33
6.2.3	Motivações não conscientes ou não explicitadas pelos pacientes na psicoterapia.....	34
6.2.3.1	Fuga .....	36
6.2.3.2	Dificuldade nas relações familiares, distanciamento da família e de situações no Brasil .....	37
6.2.3.3	Idealização .....	38
6.2.3.4	Autoconhecimento .....	39
6.2.4	Uso de outras línguas na fala do paciente durante a psicoterapia .....	39
6.2.5	Outras questões relevantes ligadas à expatriação .....	42
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	45
8	Referências .....	46
Apêndices .....		48
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....		48
Modelo do Questionário .....		51

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Motivações declaradas para mudança para o exterior. ....	12
Figura 2: Gênero dos participantes.....	30
Figura 3: Tempo de formação dos participantes.....	31
Figura 4: Temas frequentes na psicoterapia de expatriados .....	33
Figura 5: Motivações explicitadas pelos pacientes, segundo os terapeutas respondentes ....	34
Figura 6: Presença de motivações não conscientes ou não explicitadas pelo paciente na psicoterapia.....	35
Figura 7: Motivações não conscientes ou não explicitadas pelo paciente na psicoterapia.....	36
Figura 8: Utilização de vocábulos em outras línguas durante a psicoterapia .....	40
Figura 9: Razões para utilização de vocábulos em outras línguas durante a psicoterapia.....	41
Figura 10: Outras questões relevantes no atendimento de expatriados.....	42

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Abordagem Teórica Utilizada.....	32
--	----

## 1 INTRODUÇÃO

Com a globalização, o avanço nas tecnologias e telecomunicações e o barateamento das viagens internacionais, o trânsito de pessoas pelo mundo se acelerou. Nas últimas décadas, este grande fluxo internacional intensificou as migrações internacionais, principalmente as ligadas ao trabalho e estudo.

Nesta pesquisa trataremos de um conjunto de migrações internacionais denominadas expatriações. Primeiramente é essencial caracterizar a expatriação como movimento voluntário de mudança de país, um auto-exílio, em oposição a um exílio não desejado. Em ambos os casos há diversos fatores motivadores, mas este estudo busca compreender a situação dos indivíduos que voluntariamente decidiram sair de seus países de origem e fixar domicílio no exterior durante um determinado período de tempo.

A escolha do tema se deu pela proximidade com diversos colegas expatriados e pela percepção de que eles enfrentam uma realidade bastante particular, carregada de dúvidas, conflitos e aprendizados.

Tavares (2003) afirma que a expatriação é uma imigração temporária, ligada ao trabalho e com duração de dois a cinco anos, considerada transitória e que já tem um fim esperado quando se inicia o processo, apesar de muitas vezes estas decisões quanto ao tempo de permanência no exterior não se mostrarem tão claras na prática.

Já para González e Oliveira (2011), a expatriação está ligada ao estabelecimento de residência de forma temporária ou permanente em um país que não o de origem. Nesta pesquisa, utilizaremos esta visão relativa à expatriação, que abarca um conjunto maior de vivências, além daquelas apenas as relativas ao trabalho.

Além do aumento do trânsito internacional de pessoas, as questões de saúde mental têm tido grande relevância nas últimas décadas. A pesquisa 2019 *Internationally Mobile Employee Benefits Design Survey*, conduzida pela consultoria Willis Towers Watson, aponta que quase 100% dos planos de saúde para executivos expatriados inclui benefícios em saúde mental.

Ao citar a pesquisa 2020 *Global Medical Trends Survey Report*, também realizada pela mesma consultoria e que traz dados de 2019, afirmam que transtornos de saúde mental estão

se tornando cada vez mais comuns globalmente na força de trabalho, com cerca de três em cada 10 funcionários sofrendo de forte estresse, ansiedade ou depressão. A pesquisa aponta que a preocupação das empresas relativa à saúde mental de seus funcionários está ligada principalmente a índices de produtividade e absenteísmo.

Com a pandemia de COVID-19, o aumento da importância das questões de saúde mental se agravou ainda mais. De acordo com Kumar (2021), grande foi o impacto da pandemia em diversos setores econômicos e sociais, as mortes e lutos, a quarentena, o isolamento social e a possibilidade de contrair a doença afetaram a saúde física e mental da população em geral, aumentando ainda mais a demanda por psicoterapia já presente em anos anteriores.

Em se tratando da saúde mental, os expatriados apresentam ainda características bastante específicas que se relacionam a seus momentos de vida e suas decisões frente a estas mudanças de país e cultura. Esta situação única, de uma vivência por vezes denominada “nem cá nem lá”, um estado intermediário em que não há sensação de pertencimento nem na cultura de origem e nem na nova realidade, traz sofrimentos psíquicos assim como pode ser componente e catalisadora de grandes processos de mudança do sujeito, permitindo a eles um maior amadurecimento psíquico.

O público de expatriados, portanto, apresenta demandas específicas que são fruto de sua situação peculiar e que não necessariamente aparecem em outras situações que não envolvam a expatriação. Desta forma, acredita-se quem lida com este público deve estar preparado para trabalhar com questões bastante específicas ligadas à expatriação.

Uma das formas de se cuidar da saúde mental dos expatriados é através da psicoterapia. Esta, que começa a se configurar com Freud através da “cura pela fala”, descoberta em seus atendimentos à Anna O. (Freud, 1996), passou por grande desenvolvimento na psicanálise, sendo desenvolvida por diversas linhas teóricas posteriores.

Neste processo da psicoterapia, o respeito à individualidade do paciente é fundamental. Além de perceber o paciente como distinto do analista e, portanto, um indivíduo único e capaz de tomar suas próprias decisões, esta questão remete ainda ao respeito e compreensão do modo de vida de cada paciente, modo este que se mostra profundamente interconectado com suas raízes culturais e linguísticas.

Desta maneira, na prática da psicoterapia, o conhecimento por parte do terapeuta acerca do arcabouço cultural do analisando corrobora de maneira ímpar no desenvolvimento do processo terapêutico. A terapia feita em língua materna propicia uma expressão mais autêntica, uma vez que o indivíduo se constituiu imerso naquela língua e tem domínio fluente dela. Desta maneira, através da fala na língua materna, tem acesso a mais possibilidades de expressão de conteúdos que poderiam ser mais difíceis de se expressar em uma língua na qual não tem tanta fluência.

Dadas tantas particularidades observadas no atendimento psicoterapêutico e de expatriados, acredita-se que uma maior compreensão dos aspectos ligados a esta temática se faz necessária. Sendo assim, esta pesquisa busca compreender os aspectos psíquicos ligados à expatriação de brasileiros, assim como as motivações conscientes e inconscientes que levam a esta decisão através da visão de terapeutas que acompanhem seus processos.

Os resultados desta pesquisa propiciam o acesso para psicoterapeutas a mais informações a respeito deste público, colaborando na problematização de suas questões e levando a um atendimento mais qualificado. Os profissionais da área têm, através deste material, acesso às práticas de outros profissionais, possibilitando uma construção de conhecimento robusta acerca do tema. A comunidade acadêmica também se desta pesquisa em uma área da psicoterapia pouco explorada em toda a sua complexidade.

## **2 ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA EXPATRIAÇÃO**

### **2.1 Motivações ligadas à expatriação**

Razões conscientes e inconscientes pautam as decisões de cada indivíduo ao longo da vida. As primeiras são as motivações expressadas pelas pessoas quando interpeladas quanto às suas razões para emigrar. Já as segundas se mantêm obscuras, porém não menos ativas e agentes como fontes de impulso à mudança.

A pesquisa Expat Insider 2019 - feita com 20259 expatriados de 182 nacionalidades que vivem em 187 países ou territórios, traz diversos dados para a análise dos componentes conscientes motivadores desta decisão. Para que os países sejam listados na pesquisa, há um mínimo de 75 participantes respondentes de cada país.

Os dados no infográfico abaixo, extraídos desta pesquisa, mostram as principais razões conscientes declaradas para a expatriação, divididas nos seguintes grupos: trabalho, estilo de vida, educação, amor e família e outros, assim como o tempo estimado de permanência no exterior.

Figura 1: Motivações declaradas para mudança para o exterior.



Fonte: Traduzido de Expat Insider 2019

Quanto ao trabalho e carreira, 14% encontraram um emprego no exterior por conta própria, 10% foram transferidos pela empresa, 9% foram recrutados internacionalmente e 3% fundaram seu próprio negócio.

No item estilo de vida, 9% buscavam uma melhor qualidade de vida, 6% estavam buscando uma aventura ou um desafio pessoal, 3% tiveram razões financeiras, 3% buscavam viver naquele país ou cidade em particular e 3% buscavam se aposentar no exterior.

Na temática de educação, 6% dos pesquisados se mudaram para ir à escola ou universidade e 1% para melhorar suas habilidades em línguas estrangeiras. Quanto ao amor e família, 12% mudou-se para viver no país de seu parceiro, 7% mudou-se junto com seu parceiro por conta do trabalho dele ou de seus estudos e 5% por outras razões familiares. Outras razões apontadas foram política, religiosa e segurança, para 2%, e 1% para voluntariado e trabalho missionário.

Quanto ao tempo de permanência, a maior parte deles, 32%, imagina que ficará indefinidamente, 19% mais de cinco anos, 14% de 3 a 5 anos, 13% de 1 a 3 anos, 1% menos de 6 meses e 18% estão indecisos.

Já as questões inconscientes não aparecem de maneira tão clara. Como afirma Freud (1996), "o ego não é o senhor da sua própria casa", mostrando a importância das questões inconscientes nas decisões tomadas. Na escolha pela expatriação não poderia ser diferente. "Há o mistério do desejo que inúmeras vezes leva a uma migração, desejo inconsciente, desconhecido, e que ordena tantos fatos da vida". (BETANCOURT, 2021, p.81)

Daniela Borba, em sua dissertação de mestrado (2008), trata das motivações conscientes e inconscientes presentes na decisão de se tornar um expatriado. Sua visão traz aspectos relativos à escolha do local, elucidando questões de uma imagem consciente coletiva da sociedade que recebe o expatriado, assim como de elementos inconscientes da mesma.

Segundo ela, o expatriado está mergulhado em um caldo de conteúdos conscientes, como a cultura do novo país, sua língua e costumes e "também se aproxima da camada do inconsciente respectiva à sociedade específica - material reprimido, esquecido ou latente".

Desta maneira, pode-se inferir que as escolhas quanto ao país de destino estão pautadas tanto por elementos conscientes da imagem do novo local como inconscientes. Estes elementos podem ser projetados na sociedade que o recebe, por exemplo, fazendo com que um indivíduo com dificuldade de adaptação à nova cultura a sinta como pouco acolhedora e hostil. Da mesma forma, outro indivíduo que projeta características positivas pode percebê-la como um local promissor e compatível com seus desejos e necessidades.

## 2.2 Língua Materna

Expatriados em busca de psicoterapia podem se deparar com dúvidas em relação à escolha de seus terapeutas. É possível manter um terapeuta brasileiro, através de sessões online, ou procurar algum local, para que se possa fazer as sessões presencialmente. Desta forma, o trabalho com expatriados em psicoterapia pode, em diversas ocasiões, ser feito por psicólogos que não compartilham de sua língua materna.

Muitas vezes, por conta da distância geográfica e da preferência pelo atendimento presencial, não é possível ser atendido em psicoterapia por outro brasileiro. Neste caso, a escolha por fazer psicoterapia em outra língua traz algumas implicações, uma vez que o indivíduo, ao se utilizar da linguagem, expressa-se tanto consciente como inconscientemente. A escolha de uma língua estrangeira pode, portanto, ser uma forma de evitar alguns temas ou conteúdos, mantendo-os inconscientes.

Sobre a temática da língua, os estudos que tratam do tema vêm em sua maioria da psicanálise. Betancourt e Anconi, em seu livro “Psicanálise Afora” (2021), afirmam que o trabalho psicanalítico dá especial atenção à língua materna. Elas comentam que Freud prestava muita atenção às palavras ditas em análise, assim como às que apareciam em sonhos. Em situações nas quais a língua da análise não é a materna, ele dizia ser importante perceber as nuances nas palavras escolhidas.

A questão do uso da língua materna ou da estrangeira é bastante complexa e seus desdobramentos têm a capacidade de permitir avanços na compreensão de aspectos que ficam latentes, dormentes, esquecidos ou mesmo deliberadamente deixados de lado quando o paciente prefere se comunicar na língua estrangeira para evitar o contato com determinados complexos ativados pelo contato com a língua materna. Ayouch (2015) trata destas questões em um artigo denominado “Clínica psicanalítica da língua: vias associativas interlinguísticas, tradução e transferência”.

Eisenbruch (Betancourt, 2021) afirma que a troca de línguas durante a fala em análise é em si uma manifestação do inconsciente. Além disso, segundo ela, para o sujeito em análise, a manifestação de um sintoma pode ocorrer em uma língua diferente da materna, no caso das análises feitas em outras línguas.

A autora afirma ainda que a troca entre língua materna e outra língua na análise pode se dar não apenas como uma manifestação de uma defesa, mas também como um “apelo ao familiar”, à língua que se falava na infância, a língua do desejo parental.

Quando se faz psicoterapia na própria língua, contudo, pode ocorrer um fenômeno de “cumplicidade” entre o analista e o analisando, uma situação na qual o paciente se coloca na posição de “par” do terapeuta, uma vez que os dois têm a mesma nacionalidade e vivem experiências comuns, utilizando-se de frases como “você sabe do que estou falando”. Neste caso, é parte da função do terapeuta colocar-se como um outro, para que a posição do paciente possa surgir, não se deixando indiferenciado do paciente.

Melman e Calligaris (1992) afirmam que a análise deve se dar preferencialmente na língua do país no qual o analisando vive, não importando a sua língua materna, exatamente para tentar evitar estes “pactos” entre analista e analisando. Desta forma, seria possível garantir uma maior neutralidade do analista.

Catão também faz esse alerta aos terapeutas, afirmando que “cumplicidade poderia se tornar uma dificuldade ao trabalho, um modo de ensurdecimento. Não há pacto mudo entre analista e analisante” (BETANCOURT, 2021, p.56).

Como terapeuta, a fala do paciente não pode se tornar óbvia, sendo sempre necessário questionar o que se escuta. Assim, pacientes ouvidos por terapeutas que não falam sua língua materna teriam certa vantagem neste quesito, uma vez que em língua estrangeira fica ainda mais evidente que o que se fala nem sempre é o que se quer dizer.

### **2.3 Vivências da Expatriação**

Em um processo de expatriação o sujeito lida com diversos sentimentos e situações. Inicialmente carregado de projetos e esperanças, o indivíduo é levado a lidar com experiências do dia a dia em uma realidade e cultura diferentes da sua, colorindo sua vivência de matizes ora alegres e festivos, ora sombrios e depressivos.

O processo de aculturação envolve diversos aspectos, conforme menciona Borba (2008), como lidar com mudanças psíquicas, sofrer alterações em sua identidade, aprender

novas línguas e costumes culturais, entrar em contato com nova rede social e passar por um reajustamento familiar.

### 2.3.1 *Nem cá, nem lá*

Joly (apud Teixeira, 2011, p. 31), trata de quatro fases da expatriação. Primeiramente há um encantamento, ou uma lua de mel com o local. Isso é seguido por um negativismo extremo, ligado às dificuldades com língua estrangeira, ritmo de vida no local, situação econômica e social, burocracias, tratamento dado às mulheres, por exemplo. Há então uma passagem a um “movimento pendular” entre os pólos de rejeição definitiva ou adaptação à nova realidade. Pode ainda ocorrer, no caso de uma repatriação, o “choque da volta”, quando é necessária uma reinserção na cultura de origem.

Inicialmente animado com a nova experiência, o sujeito se depara com uma realidade bastante distinta do que já conhecia em sua terra natal. Em algum tempo, pode desenvolver-se uma ambivalência afetiva com o novo país, muito ligada à sensação de pertencimento à sua cultura de origem, que é substituída pela sensação de não-pertencimento a nenhum local. Após um tempo expatriado, o indivíduo não é mais visto como sendo de seu país de origem, mas também não é considerado local pelos moradores de seu novo país. Muitas vezes a descrição desta experiência é a de um “limbo”, “nem cá nem lá”.

O lugar sonhado e desejado se revela menos atraente com o tempo, a partir do momento em que o indivíduo se vê sem sua rede de apoio, enfrentando obstáculos de língua e cultura diferentes dos que havia imaginado anteriormente, assim como particularidades de clima e alimentação. Neste momento ocorre o início do luto da cidade ideal, a compreensão de que as vivências não serão perfeitas no novo local de residência e pode ocorrer uma maior ênfase nos problemas específicos vividos lá.

Anconi (Betancourt, 2021) trata do tema das perdas e lutos em relação à nova cidade lembrando que a migração exige “trabalho psíquico”, e que este impõe a elaboração de diversas idealizações a respeito da cidade desejada e almejada, contrapondo-a com a cidade real. A cidade idealizada foi investida pelo sujeito muito antes de sua mudança, construindo e compondo uma imagem e uma narrativa ligadas ao destino escolhido. Esta construção, na

qual se baseiam as expectativas do sujeito, passa então por um embate ao se contrapor à vivência real.

Antes que se desfaçam as idealizações e ao indivíduo seja possível o contato com a cidade real, contudo, pode-se correr o risco de esbarrar em seu oposto, a vivência de total desolação e desamparo, que cumula em uma melancolia. Estes opostos se articulam em um jogo de vivências que marca a passagem de uma visão romantizada da cidade para a experiência real.

Durante esta passagem, pode ocorrer uma outra idealização, a do país anterior perdido. Eisenbruch (Betancourt, 2021) comenta sobre a nostalgia que aparece em discursos dos que sentem saudades da terra natal, a terra de sua infância. Neste processo, a idealização passa a ser voltada ao país não mais habitado pelo sujeito, aquele que agora, por não ser real, pode receber por projeção todas as características tão desejadas.

Esta nostalgia remete a uma completude mítica perdida, um paraíso do passado que nunca mais será reencontrado da maneira como foi. Betancourt (2021) afirma que há um sonho do migrante do retorno à terra de origem, mas quando isso ocorre, ele se dá conta de que toda esta idealização não correspondia à realidade, que a terra encontrada não era a idealizada. Este pode ser outro momento no qual aparece a sensação de “nem lá nem cá”, de não pertencimento.

Expatriados podem ficar bastante tempo na indecisão de permanecer na nova terra ou voltar à sua de origem. Em ambos os casos, o encontro com a “verdadeira” pátria nunca se dá de maneira plena, uma vez que o reconhecimento se funde a uma idealização inalcançável. Projetos de mudança, manutenção de casas no país de origem e viagens frequentes são situações nas quais pode-se reconhecer este momento de dúvida em relação ao ficar ou partir.

As características da cidade de destino do expatriado também têm grande importância na forma como estas vivências serão experienciadas pelo sujeito. Quando há uma similaridade entre o “ideal de si” e as projeções espelhadas nas características da cidade, há maior chance de que a expatriação seja bem-sucedida. Desta maneira, há uma articulação entre um novo lugar e um “novo eu”.

Em situações opostas, nas quais a cidade de destino é vista como um lugar a ser evitado, a vivência do fracasso econômico, político ou cultural da cidade contamina a vivência

do indivíduo, que também passa a se sentir fracassado. Desta forma, pode-se concluir que há uma sintonia fina entre as imagens e percepções que o indivíduo tem de si mesmo e as correlações que faz com a sociedade na qual está inserido, o que irá influir em suas vivências serem positivas ou negativas em relação ao local e à experiência de expatriação como um todo.

Anconi (Betancourt, 2021) comenta este tema ao afirmar que os ideais dos expatriados tendem a espelhar os ideais das cidades que habitam. Em um exemplo, cita um paciente de Nova Iorque, que enxergava a cidade como um lugar de grandes oportunidades. Quando em seu percurso pessoal ele não consegue encontrar todas as oportunidades correspondentes a este ideal projetado na cidade ele se sente despedaçado. A quebra de sua identificação pessoal com a imagem idealizada da cidade gera uma dicotomia muito difícil de ser enfrentada.

Em situações nas quais a expatriação foi motivada por uma fuga dos problemas familiares ou conflitos psíquicos vividos no país de origem, o sujeito percebe que a mudança física não o livra da resolução de seus conflitos psíquicos, como nos lembra o filósofo Alain de Botton, ao afirmar que o local físico onde nos encontramos tem pouquíssimo poder em influenciar o que se passa na psique (BOTTON, 2002, p. 23).

Pode ocorrer ainda que a situação evitada no país de origem seja recriada no novo país, em um processo de repetição inconsciente. Em alguns casos, esta pode ser ainda paralisante e patológica, como menciona Eisenbruch (Betancourt, 2021), refazendo os processos estudados pela psicanálise desde Freud, quando este publica “Recordar, repetir e elaborar” (1914).

A repetição do que havia sido abandonado no país anterior visa, ainda que de maneira inconsciente, a elaboração dos conteúdos e as possíveis resoluções dos conflitos latentes. Quando estas não se dão a contento, a repetição se torna patológica por não permitir desenvolver novas posturas e saídas para os impasses psíquicos.

De maneira similar, pode ocorrer uma “repetição inversa”, uma situação na qual filhos refazem o caminho migratório oposto ao das gerações anteriores. Eisenbruch (Betancourt, 2021) comenta a frequência de casos de migrantes cujos ancestrais vieram da Europa para o Novo Mundo e que contemporaneamente decidem destinar-se aos países de onde vieram suas famílias, criando um movimento de migração geracional que se alterna.

### 2.3.2 *Contato com a alteridade*

O recomeço de uma vida em um novo país é resultado de um processo complexo que é marcado pelo contato com a alteridade. Sair de um local conhecido, onde o indivíduo domina a língua e as referências culturais e se dirigir a um lugar novo, com funcionamentos e gramáticas diferentes é uma grande aventura.

O contato com a alteridade em um processo de “ruptura de certezas”, como menciona Escobari (Betancourt, 2021) se assemelha a outros processos de rompimento de identificações, como ocorre na adolescência e durante o processo analítico. Desta maneira, ir em direção ao desconhecido em uma expatriação pode ser uma maneira concreta de tangibilizar algumas rupturas.

Durante este movimento em direção ao novo, há a possibilidade de se formarem novas identificações através de uma abertura maior ao outro, ao que é diferente do indivíduo. É uma oportunidade de imersão na alteridade e de crescimento pessoal ímpar. Aspectos da nova cultura podem ser adotados pelo sujeito, fazendo com que ele possa experienciar um novo lugar de pertencimento, como sugere Taulois. (BETANCOURT, 2021, p.66)

Ao ser capaz de perceber em uma nova cultura aspectos com os quais se identifica, o sujeito tem a possibilidade de construir uma nova identidade. Traços de similaridade passam a ser vistos entre o que o sujeito reconhece como a si mesmo e o que encontra fora de si.

A construção desta nova identidade passa, portanto, por uma possível identificação com alguns elementos externos, assim como pelo reconhecimento das diferenças e, muitas vezes, da ressignificação de sua própria cultura de origem. Este movimento de apropriação de sua história e de suas próprias origens é muito presente em situações de expatriados que buscam manter em suas rotinas o contato com elementos culturais de seus países de origem. Tais situações se mostram presentes na manutenção de festas populares, músicas, lendas e comidas típicas, tanto entre grupos de expatriados do mesmo país quanto mais, principalmente, no cultivo e passagem destas a seus filhos.

Barbosa (2010) trata deste aspecto ao mencionar a “índole relacional”, conceito ligado às raízes com a terra natal, a necessidade de se tentar reproduzir no exterior a “casa” brasileira através da comida, da casa física, da presença de família e amigos. Segundo Barbosa, este

aspecto pode desfavorecer a adaptação, uma vez que é muitas vezes complicado reproduzir estes aspectos em países muito diferentes.

Outra situação possível é uma tentativa de manutenção forçada das referências do país de origem sem que haja uma mescla com as novas referências culturais do local de expatriação. Nesta situação, expatriados se alienam em grupos, sejam eles étnicos, religiosos, familiares ou de mesma língua, evitando o contato com a alteridade e com a possibilidade de formação de novos laços. Taulois (Betancourt, 2021) comenta este tema, discutindo como a impossibilidade de se encontrar referências identificatórias em um novo local pode levar o sujeito à situação de estranheza e de refúgio no que era previamente conhecido.

Um exemplo desta postura são as mães expatriadas que têm dificuldades em socializar com outras mães das escolas de seus filhos e se recusam a aprender a língua local. Estas situações geram filhos que têm dificuldade de se incluir nos grupos sociais locais, contribuindo para uma exclusão destes grupos.

A postura de não querer criar raízes no novo país pode se dever, em parte, à perspectiva de retorno ao país de origem, principalmente em casos de expatriação ligados a uma empresa contratante e que tem período definido para se encerrar, conforme Borba (2008, p.31).

Pertencer ao país está muito ligado à apropriação subjetiva da língua, como aponta Eisenbruch (Betancourt, 2021), e a compreensão de que esta nova língua é um “empecilho” ou “indesejável” impacta negativamente tanto em sua apreensão quanto na adaptação dos indivíduos ao novo país.

Uma outra situação possível é o assujeitamento à nova cultura que leva à alienação e ao submetimento. Em vez de uma apropriação e identificação com aspectos da nova cultura, pode ocorrer uma reprodução de trejeitos, de maneira caricatural, como um clichê. Escobari (Betancourt, 2021) comenta sobre as “caricaturas nacionalistas” e como o comportamento de indivíduos em situação de alienação ou submetimento cultural podem reproduzi-las.

### 3 FACILITADORES E DIFICULTADORES DO PROCESSO DE EXPATRIAÇÃO

#### 3.1 Fatores ligados à expatriação

Após a mudança para um novo país, os indivíduos encontram diversas situações em sua nova realidade. Algumas destas podem ser positivas, outras negativas, mas todas impactarão de alguma maneira na forma pela qual cada um irá experienciar este processo. Teixeira (2011), em sua pesquisa, trata da análise de entrevistas com executivos brasileiros expatriados, identificando facilitadores e dificultadores do processo de adaptação em uma expatriação.

Teixeira cita em seu trabalho vários autores, cada um discutindo um aspecto específico relativo ao tema. Child (apud Teixeira, 2011, p. 34) afirma que os dois fatores primordiais para a adaptação são comunicação/idioma e cultura local. Há aumento no período de adaptação destes executivos na falta de um treinamento intercultural que compreendesse os “elementos da distância psíquica: cultura local, religião, idioma, educação, confiança nas negociações, mercado local e sistema de negócios”. Afirma que estes achados relativos à cultura e idioma como os principais aspectos a serem considerados na expatriação de executivos confirmam o que já havia sido afirmado na literatura produzida anteriormente.

Teixeira relembra ainda os fatores individuais que colaboram com a facilidade ou dificuldade no processo de adaptação, como “bagagem cultural, viagens ao exterior e experiência internacional”, como afirma Rocha (apud Teixeira, 2011, p. 35). Sendo assim, pode-se perceber como a vivência da multiculturalidade dentro da própria família ou o contato prévio com contextos culturais diversos é um fator de proteção na experiência da expatriação.

Os entrevistados citam fatores individuais importantes como a “adaptabilidade e vontade de aprender”, a “questão familiar”, relacionada ao apoio ou não da família e à sua capacidade de adaptação ao novo contexto.

No caso de executivos, também foram relevantes as “percepções da nova função e das habilidades e competências e o fator retorno”, assim como os “fatores de repatriação e benefícios oferecidos”. Teixeira trata de executivos sendo expatriados, então há ênfase em aspectos relativos à gestão feita pelo RH da empresa para garantir melhor aderência do expatriado ao local para onde está se mudando. Os entrevistados também levam suas famílias,

o que não necessariamente ocorre em outros processos de expatriação nos quais eles não têm família constituída ou vêm a constituí-la em seu novo país de residência.

O quanto cada indivíduo se sente confortável em relação às diferenças culturais às quais estará submetido é um dos aspectos estudados por Mohr e Klein (apud Borba, 2008, p. 33), que comentam que quanto as percepções de que seus “valores, normas e padrões comportamentais” serão conciliáveis com as do novo país, maior a possibilidade de sucesso da empreitada.

Questões do dia a dia também podem ser de extrema importância e de grande impacto na situação vivida pelos expatriados. Lidar com as burocracias locais, como providenciar documentações referentes a vistos de permanência, trabalho e moradia, aluguéis de imóveis, aberturas de contas e acesso ao sistema de saúde público ou a planos de saúde privados, por exemplo, têm potencial para causar grandes transtornos aos recém-chegados a um novo país.

Quando enviado ao exterior por sua empresa de origem, grande parte destas burocracias é facilitada ao expatriado através de trâmites internos da empresa, mas em diversos outros casos é o próprio indivíduo que deve lidar com elas diretamente. Um relato que ilustra estas dificuldades é o livro *Sweet Life in Paris* (2009), que conta as peripécias de David Lebovitz ao se mudar para a França.

Lidar com questões de trabalho, como revalidação de diploma e documentação que comprove aptidão para exercer determinadas funções pode exigir traduções juramentadas de diversos documentos, assim como um longo tempo para que todas as instituições envolvidas na tramitação possam lidar com o envio de pedidos e o recebimento e processamento das respectivas respostas. Todas estas questões ainda se repetem para outros da família que se mudam também, como o cônjuge e seus filhos.

## 3.2 Sobre a família

### 3.2.1 *Família que vai junto*

A expatriação de um sujeito pode vir acompanhada de reflexos importantes para seu grupo familiar mais próximo. O expatriado pode deixar sua família de origem para viver fora de seu país, assim como pode levá-la junto consigo em sua empreitada.

Korenblum afirma que “a adaptabilidade de uma família está ligada intimamente ao seu grau de flexibilidade e sua aptidão para mudança” (2003, p. 27). Esta família tem grande importância no desenrolar da história da expatriação de cada sujeito, uma vez que ela sofre com ele, tem que se adaptar com ele e em alguns casos pode ser o que definirá o sucesso ou fracasso deste processo. Como também relatado por Teixeira (2011), o apoio ou a falta de apoio dados pela família, denominados por ele “questão familiar”, estão intimamente relacionados à capacidade do indivíduo expatriado em se adaptar à nova situação

O estudo sobre as consequências da expatriação em familiares é de grande importância, principalmente devido aos grandes investimentos feitos pelas empresas que enviam seus funcionários ao exterior. Segundo Borba (2008), em 2001 calculava-se uma perda entre 50 a 200 mil dólares para cada funcionário que precisasse ser repatriado e reintegrado.

O mestrado de Daniela Borba estuda as questões da esposa acompanhante, que vai junto com seu marido expatriado. Em sua pesquisa, ela ressalta a importância que o cônjuge tem na adaptação do expatriado, sendo a “coadjuvante” mais importante neste processo.

Diversas empresas têm investido em formações culturais para as famílias que acompanham executivos expatriados. Envolvê-las no processo e prepará-las para lidar com costumes, língua e características específicas de cada país pode ser um grande fator de proteção na expatriação.

### 3.2.2 *Filhos que não escolheram a expatriação*

A escolha pela expatriação usualmente parte de adultos, muitas vezes pais e mães ligados a seus empregos ou estudos, que têm o desejo de se lançar em novas aventuras e

oportunidades em um novo país. Os filhos muitas vezes seguem junto com seus pais o caminho da expatriação sem, contudo, terem escolhido deixar para trás seus amigos, sua língua natal, sua casa, sua família e suas referências culturais.

São muitos os lutos a serem elaborados por estas crianças e adolescentes que acompanham seus pais e têm de enfrentar as dificuldades de uma nova língua, novos colegas e um mundo muito diferente do qual estavam antigamente acostumados. Neste processo, podem surgir sintomas, que chamam a atenção para o que deve ser conversado e elaborado com estes filhos.

Taulois, ao comentar suas experiências no atendimento psicoterapêutico de crianças migrantes, afirma que é necessário ouvir e ajudar na elaboração, “permitindo que a criança migrante mostre sua insatisfação com o deslocamento e as perdas que lhe deixam com sentimentos de subtração” (BETANCOURT, 2021, p. 69).

### **3.3 Características Brasileiras**

Barbosa (2010) traz uma análise de características culturais brasileiras que, segundo a pesquisa da autora, influenciam no processo de adaptação à expatriação de executivos. Entre elas, a solidariedade, o coletivismo, a índole relacional, a diversidade, a adaptabilidade, a versatilidade, a abertura ao novo, a flexibilidade, o “jeitinho brasileiro” e a falta de formalidade. Cada uma destas características pode se mostrar positiva ou negativa em relação à adaptabilidade do expatriado, conforme Barbosa relata em sua pesquisa.

Em relação à solidariedade, ela aponta que muitos expatriados buscam aprender seu novo trabalho e função tendo expectativa de receber suporte e apoio através de um tutor no novo país, que esteja preparado para esta função e disposto a recebê-lo, o que nem sempre ocorre, dificultando a adaptação.

Já sobre o coletivismo, característica brasileira relativa à interação entre amigos e familiares, que têm conexões sociais profundas e são intimamente ligados à sua rede social, pode dificultar a expatriação em casos nos quais não há viagens frequentes de volta à pátria e, assim como quando a família não pode viajar para visitar o expatriado frequentemente.

A índole relacional, que trata das conexões com a pátria de origem e a busca da reprodução das vivências ligadas a ela no novo país é considerada desadaptativa, principalmente devido a fatores como a impossibilidade de reproduzir diversos costumes em locais muito diferentes.

O aspecto “diversidade” diz respeito à diversidade brasileira em termos de raças, comportamentos e hábitos. Por sermos uma cultura bastante miscigenada, teríamos maior facilidade em nos adaptarmos a ambientes distintos dos originários.

Versatilidade, flexibilidade e adaptabilidade também dizem respeito à capacidade brasileira de se adaptar diante de comportamentos ou valores muito distintos dos da sociedade original.

No item abertura ao novo, ela trata da disposição para adquirir novos hábitos, rompendo com uma realidade conhecida. Neste ponto, os executivos com grande facilidade de adaptação à nova realidade podem ter grande dificuldade de se readaptar no retorno ao país. Barbosa comenta sobre a grande quantidade de executivos que decide não retornar ao país de origem devido à adaptação bem-sucedida.

O famoso “jeitinho brasileiro” é visto pela pesquisadora como algo positivo, que pode ser um modo de se adaptar às dificuldades e ao choque cultural. Em outras pesquisas, o “jeitinho brasileiro” pode ser visto de maneira negativa, como um comportamento muito diferente adotado pelos brasileiros, muitas vezes de maneiras que fogem das regras tradicionais do local, e que não são bem aceitos. Barlach (2020) trata deste tema, que se mostra oscilando entre os pólos da criatividade e da corrupção.

Ligado ao “jeitinho brasileiro”, a formalidade em outros países aparece como um tema importante. Segundo Barbosa, a questão das regras estabelecidas em outros países às vezes são bastante respeitadas e às vezes são inexistentes. Uma solução para esta situação de choque cultural é garantir que os expatriados participem de treinamentos interculturais, evitando que as regras sejam burladas através do “jeitinho”.

## **4 OBJETIVOS**

### **4.1 Objetivos Gerais**

Compreender a percepção de terapeutas acerca das principais motivações conscientes e inconscientes ligadas à decisão pela expatriação.

### **4.2 Objetivos Específicos**

Mapear os principais temas ligados às questões da expatriação direcionados a terapeutas.

Elucidar aspectos específicos ligados ao tratamento psicoterápico de expatriados, considerando seu perfil, temáticas tratadas em terapia, motivações conscientes e inconscientes que levaram à expatriação e uso de línguas durante a terapia.

## 5 MÉTODO

### 5.1 Seleção da Amostra

Para compreender as peculiaridades ligadas ao atendimento de brasileiros expatriados, foi realizada uma pesquisa através de formulário online. Os participantes foram psicólogos(as) brasileiros formados há mais de três anos e com experiência clínica atendendo brasileiros expatriados há mais de três meses.

#### 5.1.1 Critérios de Inclusão

Os participantes foram psicólogos(as) brasileiros formados há mais de 3 anos e que têm experiência clínica atendendo brasileiros expatriados há mais de três meses em psicoterapia.

#### 5.1.2 Critérios de Exclusão

Nesta pesquisa, os critérios de exclusão de participantes são os psicólogos(as) que não atendam a expatriados há pelo menos 3 meses e não tenham pelo menos 3 anos de prática profissional.

#### 5.1.3 Local e Coleta de dados

O convite para participação na pesquisa foi divulgado em mídias sociais como grupos de Facebook direcionados a psicólogos e Instagram. Foi também divulgado para psicólogos da PUC-SP através de grupos de Whatsapp.

O questionário ficou disponível para receber respostas entre 31/03/2022 e 14/04/2022. Foi divulgado nas seguintes comunidades de Facebook:

+ PSICÓLOGOS: <https://www.facebook.com/groups/1711850872432276/>

Psicólogos Clínicos, Psicoterapeutas, Psicanalistas e Psiquiatras do Brasil: <https://www.facebook.com/groups/psicos.brasil/>

PSICÓLOGOS: <https://www.facebook.com/groups/160635714089341/>

## 5.2 Instrumento

O instrumento utilizado foi um questionário estruturado com perguntas fechadas e respostas pré-definidas, sendo estas únicas ou múltiplas, assim como perguntas abertas, e foi disponibilizado online através da plataforma Google Forms.

## 5.3 Procedimento

Os dados obtidos através do questionário foram analisados de modo a compor uma gama de temas relevantes ao atendimento psicoterapêutico de expatriados. Os dados foram então analisados e articulados com o restante do material teórico.

O universo de pesquisa compreendeu 41 respostas obtidas, sendo que foram consideradas completas e válidas apenas 40 respostas. A resposta não válida se deve ao fato de o respondente não ser psicólogo formado há mais de 3 anos.

### 5.3.1 Cuidados Éticos

O projeto desta pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil e ao comitê de Ética em Pesquisa Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Os procedimentos realizados nesta pesquisa obedeceram aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme a Resolução número 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

O Protocolo de Aprovação na Plataforma Brasil tem o número CAAE: 52679221.0.0000.5482, submetido em 15/10/2021 e aprovado em 31/03/2022.

### 5.3.2 Riscos

A possibilidade de desconforto e risco para os participantes era mínima, contudo, se houvesse alguma mobilização psicológica negativa decorrente das questões presentes no questionário, a Clínica Psicológica “Ana Maria Poppovic” do curso de Psicologia da PUC-SP ofereceria serviços de atendimento psicológico.

### 5.3.3 *Benefícios*

Há dois principais beneficiados com os resultados da pesquisa. Primeiramente, os psicoterapeutas que atendem a expatriados, à medida em que terão acesso a mais informações a respeito das particularidades destes atendimentos, podendo problematizar suas questões e conhecer as práticas de outros profissionais relativas a este trabalho.

Igualmente importante será o resultado obtido pelos próprios expatriados atendidos por estes, que receberão um atendimento ainda mais qualificado, o que será possibilitado uma vez que estes profissionais terão se debruçado sobre as questões específicas ligadas à expatriação e, através disso, estarão mais capacitados a atendê-los.

Além destes, a comunidade acadêmica também se beneficiará da construção de conhecimento ligada a esta área da psicoterapia, ainda pouco explorada em toda a sua complexidade.

### 5.3.4 *Desfecho primário*

Espera-se, através desta pesquisa, ter mapeado os aspectos mais relevantes para a psicoterapia de brasileiros voluntariamente expatriados, criando um material consistente que trata dos principais temas ligados à situação dos expatriados e à sua psicoterapia.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

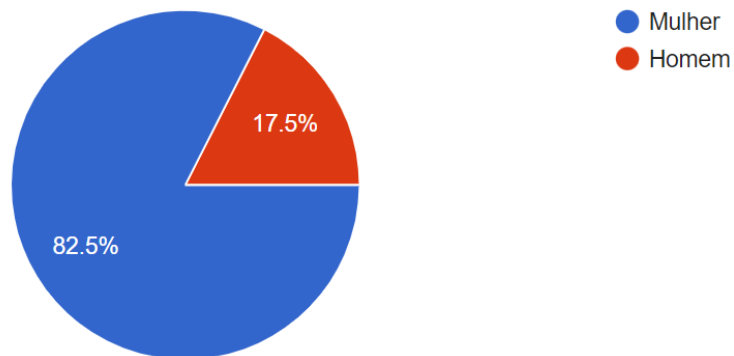
### 6.1 Dados demográficos e prática profissional da amostra

#### 6.1.1 Gênero

O total de respostas consideradas válidas nesta pesquisa compreendeu 40 indivíduos. Destes, 82,5% eram mulheres de 17,5% homens.

Figura 2: Gênero dos participantes

Gênero  
40 responses



Fonte: Autora

De acordo com Lhullier (2013), ao pesquisar a categoria de psicólogos no Brasil, dos 232 mil profissionais da psicologia em exercício no país naquela data, 88% são mulheres. Esta percentagem está bastante próxima da obtida na amostra da pesquisa (82,5%), variando 5,5 pontos percentuais. Desta forma, pode-se concluir que a amostra levantada pela pesquisa tende a ser representativa do público de psicólogos atuantes no país.

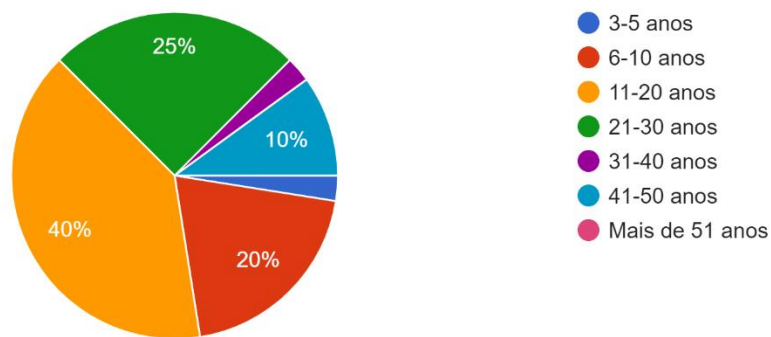
### 6.1.2 Tempo de formação

A maior parte dos respondentes (40%) se formou entre 11 e 20 atrás, seguida por 25% que se formaram entre 21 e 30 anos atrás e 20% formados entre 6 e 10 anos atrás.

Figura 3: Tempo de formação dos participantes.

Há quanto tempo você se formou?

40 responses



Fonte: Autora

Apenas 2,5% dos participantes na pesquisa se formaram entre 3 a 5 anos, sendo a grande maioria dos respondentes (97,5%) formados há mais de 6 anos. Esta amostra compreende, portanto, grande número de profissionais experientes.

### 6.1.3 Abordagem teórica

A maior parte dos respondentes (35%) se orienta pela abordagem teórica da Psicologia Analítica; 25% trabalha a partir da abordagem psicanalítica e outros 15% se guiam pela Fenomenologia. Há ainda a presença do Psicodrama (8%), Terapia Comportamental Cognitiva (5%), Sistêmica (5%) e Análise do Comportamento (3%), entre outras.

Tabela 1: Abordagem Teórica Utilizada.

<i>Qual abordagem teórica você usa?</i>	Total	Percentual
Análise do Comportamento	1	3%
Eclética	1	3%
Psicanálise	10	25%
Psicodrama	3	8%
Psicologia Analítica	14	35%
Psicologia Fenomenológica	6	15%
Sistêmica	2	5%
Teoria do Apego	1	3%
Terapia Comportamental Cognitiva	2	5%
<b>Grand Total</b>	<b>40</b>	<b>100%</b>

Fonte: Autora

## 6.2 Questões relativas à psicoterapia

### 6.2.1 *Temáticas tratadas na psicoterapia*

Sobre as temáticas tratadas na psicoterapia, os terapeutas participantes relataram que seus pacientes falam principalmente sobre as questões em relação às diferenças culturais (80%), rede de apoio (72,5%), novas amizades (57,5%), comunicação na língua local (42,5%) e vivências de preconceito (37,5%).

Conforme o levantamento bibliográfico realizado, de acordo com Child (apud Teixeira, 2011, p. 34), os principais fatores primordiais para adaptação dos expatriados são comunicação/idioma e cultura local, itens estes que aparecem com altas porcentagens segundo as respostas dos terapeutas ao questionário.

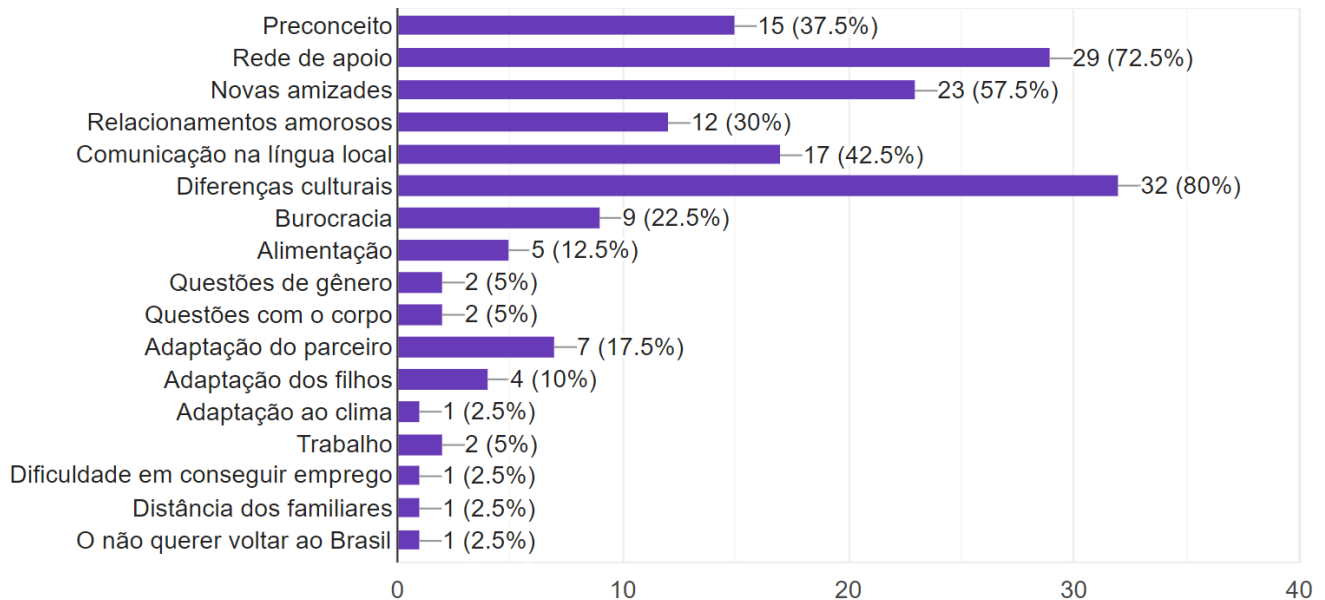
A questão da cultura local e diferenças culturais foi apontada por 80% dos terapeutas como temática presente nas sessões, enfatizando a importância deste aspecto na vivência do expatriado. Da mesma forma, a habilidade em se comunicar no idioma local aparece em 42,5% das respostas, o que aponta para a relevância desta capacidade no processo de expatriação.

Outros temas relevantes foram relacionamentos amorosos, burocracias, adaptação de parceiros e filhos à expatriação e trabalho.

Figura 4: Temas frequentes na psicoterapia de expatriados

No seu atendimento aos pacientes expatriados, quais os temas que mais frequentemente aparecem no atendimento, relacionadas à situação de ser expatriado?

40 responses



Fonte: Autora

### 6.2.2 Motivações explicitadas pelos pacientes na psicoterapia

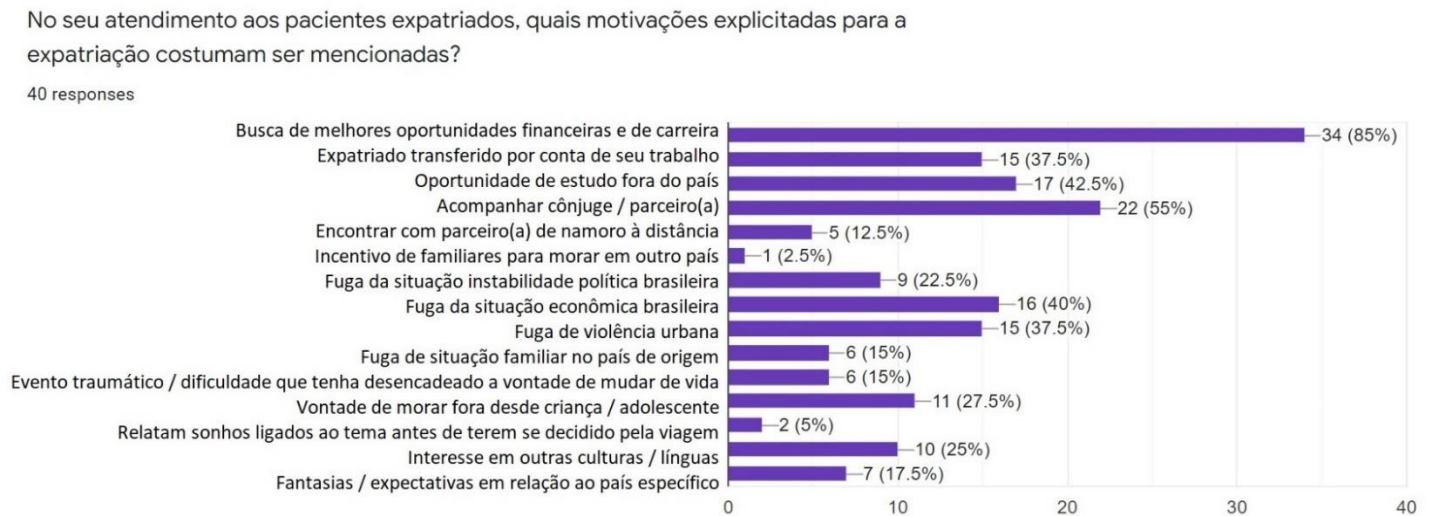
Os terapeutas participantes afirmam, ao responder ao questionário com múltiplas opções de resposta, que as principais motivações explicitadas por eles em psicoterapia se referem à busca de melhores oportunidades financeiras e de carreira (85%), seguidos por acompanhar cônjuge / parceiro(a) (55%), oportunidade de estudo fora do país (42,5%) e fuga da situação econômica brasileira (40%).

Os resultados obtidos nesta pesquisa reforçam o que havia sido publicado pela pesquisa Expat Insider 2019, que trazia as categorias trabalho, estilo de vida, educação e amor/ família como as principais motivações para a expatriação. A principal motivação declarada encontrada na atual pesquisa, “busca de melhores oportunidades financeiras e de

carreira” (85%), coincide com a motivação mais citada pela Expat Insider 2019, “encontrou trabalho sozinho no país” – conforme apresentado na Figura 1.

Outros aspectos presentes nas motivações alegadas pelos clientes, segundo os terapeutas pesquisados, foram a expatriação por transferência ligada ao trabalho, interesse em outras culturas / línguas e fuga de violência urbana.

Figura 5: Motivações explicitadas pelos pacientes, segundo os terapeutas respondentes



Fonte: Autora

### 6.2.3 Motivações não conscientes ou não explicitadas pelos pacientes na psicoterapia

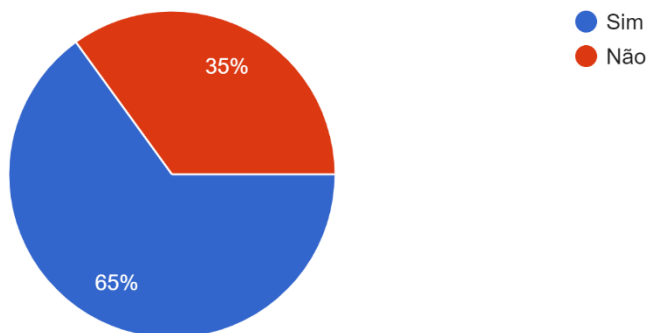
Ao serem indagados sobre a presença de motivações não conscientes ou não explicitadas pelo paciente na psicoterapia, 35% dos psicólogos respondentes afirmou que não havia outras motivações e 65% afirmaram que percebiam, durante os atendimentos, motivações não conscientes ou não explicitadas pelo paciente.

Este resultado corrobora com o que foi discutido sobre a presença de questões inconscientes que se manifestam na vida dos pacientes. Conforme afirma Bentancourt (2021), o desejo inconsciente tem seus mistérios, ordenando desta maneira tantos fatos da vida. Estas motivações, contudo, podem ser percebidas em parte durante a psicoterapia, o que leva estes terapeutas pesquisados a afirmarem terem percebido tais manifestações.

Figura 6: Presença de motivações não conscientes ou não explicitadas pelo paciente na psicoterapia

Como terapeuta, você percebe outras motivações não conscientes ou não explicitadas pelo paciente na terapia?

40 responses

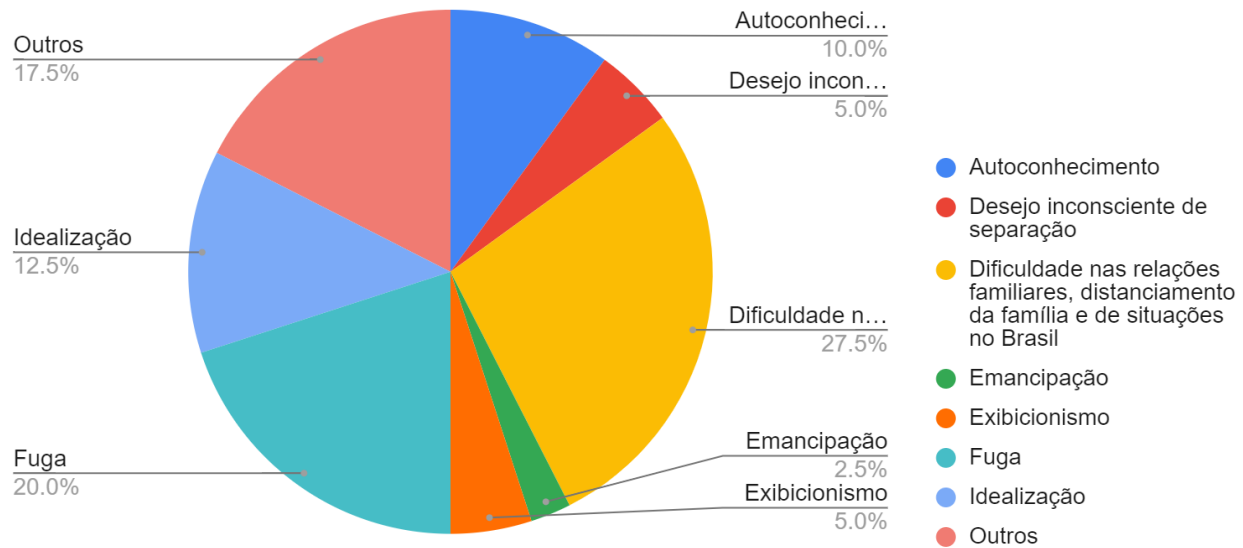


Fonte: Autora

Ao serem indagados sobre que tipos de motivações não conscientes ou não explicitadas pelo paciente na terapia os terapeutas percebiam, estes informaram que a fuga (20%) e as dificuldades nas relações familiares, busca de distanciamento da família e de situações no Brasil (27,5%) são as principais questões presentes.

A idealização do país de destino, possibilidade de ganhos financeiros rápidos, busca de autoconhecimento e possibilidade de ser autêntico longe de seu país de origem também surgiram como motivações.

Figura 7: Motivações não conscientes ou não explicitadas pelo paciente na psicoterapia



Fonte: Autora

### 6.2.3.1 Fuga

Sobre a temática da fuga, os principais aspectos destacados pelos terapeutas foram um padrão de repetição de fuga, dificuldades nos vínculos familiares dos pacientes e utilização da expatriação como uma “fuga da família”, a fuga de pessoas e situações aversivas que ocorreram na história do paciente e uma tentativa de fuga da realidade, com pacientes que evitam as questões cotidianas e buscam se abrigar em uma imagem fantasiosa possível através da expatriação.

Os terapeutas afirmaram ainda que alguns de seus pacientes têm uma posição de hiper responsabilização pela vida financeira da família, além de centralizarem a resolução de problemas familiares em si mesmos e que a expatriação é vista como uma possibilidade de fuga dessa posição. Outros trazem a narrativa de que alguns pacientes apresentam uma falta de um sentido maior para a própria vida, buscando preencher esse vazio com uma vida fora do país.

Alguns terapeutas afirmam que tema muito presente na fala dos pacientes é a vivência de uma “culpa por ‘deixar’ a família no Brasil”, por estar vivendo em melhores condições do

que eles. Um terapeuta afirma que um paciente que se sente excluído em seu próprio local de origem procurou buscar a sensação de pertencimento em outros lugares do mundo.

### **6.2.3.2 Dificuldade nas relações familiares, distanciamento da família e de situações no Brasil**

Diversos psicoterapeutas enfatizaram as dificuldades em lidar com as relações familiares. Este tema apareceu na busca de distanciamento da família, dos conflitos familiares parentais e de pessoas tóxicas, como uma defesa emocional e na vontade de morar longe da família de origem.

As questões relacionadas especificamente à figura materna surgiram através da possibilidade de o paciente poder se afastar da mãe, mas manter-se próximo afetivamente, assim como de um desejo inconsciente de separação da mãe, que não pôde se concretizar de forma simbólica, mas necessitou de uma concretização física, um verdadeiro distanciamento geográfico.

Alinhado ao que é descrito na literatura, conforme Escobari (Betancourt, 2021), a separação da família através do distanciamento físico ou simbólico é parte constitutiva da construção de identidade do sujeito, sendo uma situação psíquica que pode ser evidenciada através da separação geográfica.

Ainda segundo os terapeutas que participaram da pesquisa, as dificuldades de lidar com família aparecem também em situações de rejeição e não aceitação do paciente por parte de seus familiares, assim como na presença de padrões familiares não conscientizados, repetidos pelos pacientes, como a busca da expatriação como forma de fuga de uma situação de desamparo ou falta de perspectiva na vida. Alguns pacientes podem enxergar na expatriação uma possibilidade de assumir um estilo de vida que perto da família não era possível, de acordo com os terapeutas, como em situações nas quais podem expressar-se de maneira “mais livre” em relação às expressões de gênero, por exemplo.

### 6.2.3.3 Idealização

A idealização do processo de expatriação, assim como do país de destino, aparece em várias das respostas dos terapeutas. Em sua percepção, os pacientes destacam a idealização de que “magicamente” a vida irá acontecer, a expectativa de que mudando de país os problemas ficariam para trás, assim como a frustração destas expectativas ao imaginar uma vida e se depararem com algo muito diferente do idealizado.

Há diversas fantasias relatadas, como enriquecimento rápido, possibilidade de conhecer alguém que mude a vida do paciente, possibilidade de viver uma vida luxuosa e acreditar que se relacionar com estrangeiros poderia trazer muitas oportunidades. Alguns buscam “um renascimento”.

Alguns pacientes têm dificuldades com a realidade que vivem e sempre buscam novas experiências e prazeres, tendo a fantasia de serem satisfeitos e uma dificuldade grande em não saberem lidar com o tédio.

Segundo alguns terapeutas, muitos pacientes não aceitam emoções negativas que experimentaram no Brasil, e querem fugir delas, "espairecer e se distanciar", evitando a dor e mantendo uma relação idealizada com o que deixaram para trás. Outros fazem o caminho inverso, projetam tudo o que há de ruim e errado no Brasil e idealizam a cultura atual, rompendo com um lado importante da psique, ou se relacionando com esse lado de forma subdesenvolvida.

Estas percepções acerca das possibilidades de idealização tanto do país deixado quanto do país de destino são consonantes com o que se encontra na literatura acerca do tema, conforme afirma Eisenbruch (Betancourt, 2021) ao tratar do tema.

Terapeutas afirmam que por vezes há um vazio que os pacientes não sabem explicar. Segundo eles, após o desmanchar das fantasias, muitos se adaptam e vivem muito bem a partir do momento que tratam todas essas questões e conseguem dar sentido ao dia a dia resignificando suas experiências.

Estes achados estão em consonância com a literatura, como afirma Anconi (Betancourt, 2021), ao discorrer sobre o “trabalho psíquico” de lidar com perdas e lutos relativos à

idealização da cidade desejada e suas expectativas, para que ele possa se relacionar de maneira mais verdadeira com a vivência real.

#### **6.2.3.4 Autoconhecimento**

A expatriação é vista por muitos pacientes, segundo seus terapeutas, como uma possibilidade de autodescoberta. Segundo eles, em vários casos a vontade de se conhecer é projetada no mundo afora, levando os pacientes a buscar exteriormente o que procuram interiormente.

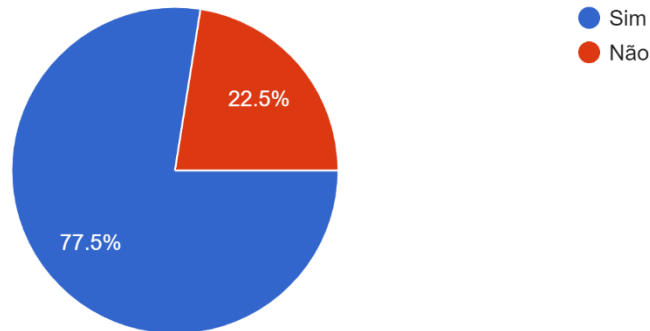
Para alguns dos pacientes, segundo seus terapeutas, a expatriação é um processo de busca por formar sua própria individualidade, longe do ambiente familiar do país de origem. A temática da ressignificação da própria identidade aparece na fala dos pacientes, segundo os terapeutas, assim como a necessidade de “ter que reinventar-se no trabalho”, para aqueles que viajaram acompanhando o cônjuge transferido. Estas temáticas aparecem também na literatura, conforme apontado por Borba (2008).

#### *6.2.4 Uso de outras línguas na fala do paciente durante a psicoterapia*

Sobre o uso de línguas diferentes do português no atendimento a expatriados, 22,5% dos terapeutas afirmam que não há uso de vocábulos em outras línguas, enquanto 77,5% afirmam que há.

Figura 8: Utilização de vocábulos em outras línguas durante a psicoterapia

Durante o atendimento o paciente traz vocábulos em outras línguas para tentar se expressar?  
40 responses



Fonte: Autora

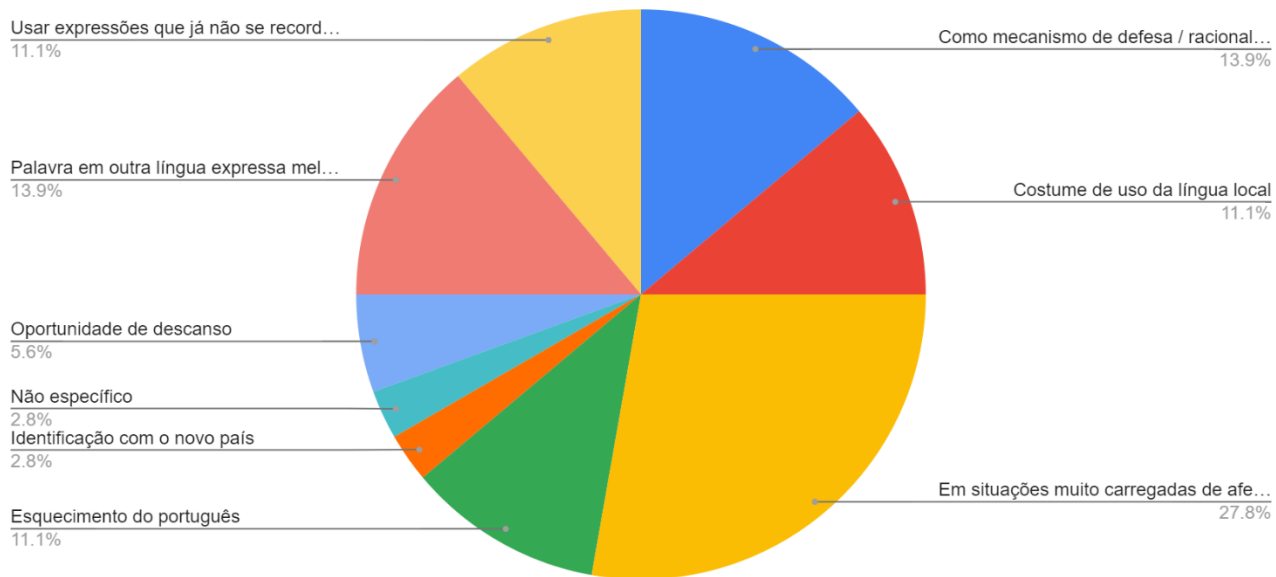
O uso de outras línguas, segundo os terapeutas (ver Figura 9), costuma ocorrer principalmente em situações muito carregadas de afetos (27,8%), seguidos por um uso como mecanismo de defesa / racionalização em relação ao tema tratado (13,9%) e quando uma palavra em outra língua expressa melhor o conteúdo a ser transmitido.

Aparecem também o uso de outra língua por conta do costume com o uso da língua local, em expressões verbais adquiridas que se tornaram corriqueiras, expressões mais adequadas em outro idioma e costume de uso de certas palavras na língua de onde está vivendo.

O esquecimento da palavra em português, a facilidade de uso de outro idioma quando o paciente está cansado, a perda de costume de se expressar em português e a expressão por parte do paciente de que “a terapia é a oportunidade de conversar no idioma nativo, como um respiro” também são narrativas que os terapeutas trouxeram ao responder o questionário proposto.

Em alguns casos, os terapeutas relatam “uma tentativa de distanciamento da origem, buscando uma expressão que condiz mais com a inserção atual” do paciente em outro contexto social.

Figura 9: Razões para utilização de vocábulos em outras línguas durante a psicoterapia



- Como mecanismo de defesa / racionalização em relação ao tema tratado
- Costume de uso da língua local
- Em situações muito carregadas de afetos
- Esquecimento do português
- Identificação com o novo país
- Não específico
- Oportunidade de descanso
- Palavra em outra língua expressa melhor
- Usar expressões que já não se recordam ou que não existem em português

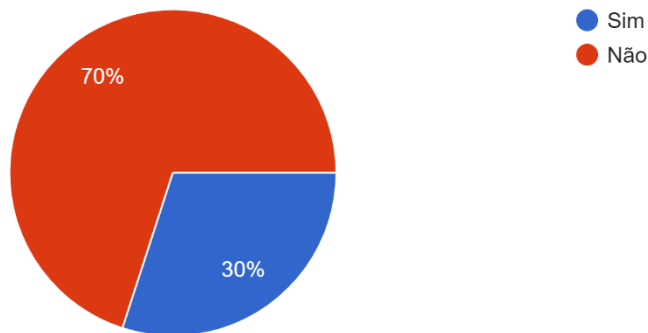
Fonte: Autora

### 6.2.5 Outras questões relevantes ligadas à expatriação

Figura 10: Outras questões relevantes no atendimento de expatriados

Deseja adicionar alguma outra questão relevante no atendimento de expatriados que não foi listada neste questionário?

40 responses



Fonte: Autora

No fechamento do questionário, 30% dos participantes adicionaram mais informações sobre questões relevantes no atendimento de expatriados que não haviam sido discutidas ao longo das perguntas anteriores. A maior parte dos comentários estava ligada à temática cultural, citando também depressão sazonal, preconceitos e ambivalências relativas a esta vivência. Temas como festas locais, estações do ano e clima, são bastante mencionados pelos pacientes, segundo os terapeutas.

Os terapeutas que participaram da pesquisa relataram que os pacientes os procuram “por conta da familiaridade com a língua, cultura e acolhimento”. Segundo eles, “muitos preferem alguém da mesma nacionalidade pois há uma sensação/sentimento que serão melhor compreendidos para além da língua, muito mais no âmbito cultural”. “Fazer terapia na própria língua e com alguém da mesma cultura é considerado muito importante por eles”.

Habilidade em lidar com questões e diferenças culturais aparecem na literatura (Child apud Teixeira, 2011, p. 34) como um dos principais preditivos de sucesso ou fracasso de uma expatriação. Desta maneira, a possibilidade de trabalhar em terapia tais temas se mostra essencial para o processo de expatriação. Conforme relatado pelos terapeutas, os pacientes

tendem a preferir fazer terapia com outros brasileiros por se sentirem acolhidos e compreendidos em termos culturais, o que ajudaria na abertura para discussão em relação às diferenças culturais vivenciadas no novo país.

Questionamentos acerca de suas próprias escolhas são temas frequentes na terapia. Pacientes apontam ambivalência em relação às decisões tomadas, assim como à sua inserção em uma nova cultura. Terapeutas afirmam que estas questões aparecem sob a forma de dúvidas em relação ao aprendizado da nova língua e, simultaneamente, de uma integração cultural, assim como a vivência de grande saudade da família e amigos.

Terapeutas comentam que a maioria dos pacientes relata, após um tempo maior vivendo fora (após mais de um ou dois anos, por exemplo), que se percebem “mais brasileiros do que em qualquer outro momento da vida”. Segundo eles, “parece que a diferença de culturas evidencia sua própria natureza e cultura”. O encontro com a alteridade realça as características identitárias do país de origem e muitas vezes as escancara, fazendo com que elas sejam expressas de maneira ainda mais contundente do que no país natal.

Neste aspecto, festas populares, músicas, tradições, alimentação e cultura brasileira em geral passam a ser mais valorizadas, assim como há uma tendência de formação de grupos de expatriados que têm a mesma origem como forma de apoio mútuo, manutenção cultural e pertencimento identitário.

Alguns terapeutas, contudo, trazem outra perspectiva em relação a este tema, citando pacientes que se identificam mais com a cultura do novo país e que se sentem mais confortáveis com o novo local do que quando inseridos na cultura brasileira.

Ainda dentro da temática das diferenças vivenciadas, outro tema que foi citado pelos terapeutas foi a percepção dos pacientes em relação a um clima muito distinto do brasileiro e a presença de depressão sazonal devido aos longos invernos.

Questões relativas ao preconceito e xenofobia foram relatadas por um terapeuta, que afirmou que alguns pacientes podem passar por situações de discriminação mas não conseguem percebê-las de maneira clara. Terapeutas afirmam ainda que algumas opções de emprego e subemprego disponíveis para expatriados podem “afetar o senso de identidade” de alguns pacientes. Ainda sobre esta temática, outros terapeutas percebem em seus

pacientes que a perda das raízes afeta autoconfiança e autoestima, trazendo limitações reais e perceptivas aos expatriados.

Dependendo do momento de vida dos pacientes, alguns terapeutas percebem uma supervalorização de “uma vida com viagens acessíveis ao invés de estabilidade de ter casa e família”.

Temas ligados às vivências práticas quotidianas também foram assunto relatado na pesquisa. Alguns terapeutas comentaram que questões ligadas a horário de atendimento (fuso horário) costumam por vezes interferir na terapia. Questões financeiras e soluções para as mesmas também são tema que aparecem nas sessões, como afirmado por terapeutas que comentam sobre a possibilidade de dividir moradia para redução de despesas no exterior.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O atendimento psicoterapêutico de expatriados envolve diversas particularidades. Através deste trabalho foi possível explicitar os principais temas tratados durante a psicoterapia que são específicos desta situação, ressaltando aspectos de grande impacto na vida do paciente expatriado.

A análise da temática da expatriação passou pelo estudo dos aspectos psicológicos ligados às motivações que levam o indivíduo à expatriação, sendo estas conscientes ou não, pelo estudo do uso da língua materna ou local durante a terapia e suas consequências para a compreensão de aspectos psíquicos relatados, assim como um delineamento de possíveis fases vividas ao longo do processo, desde a preparação até a adaptação à nova cultura ou retorno ao país de origem.

Sobre este processo, estudou-se fatores que podem facilitar ou dificultar a adaptação a um novo país e cultura, enfatizando a importância que a integração linguística e cultural têm em uma conexão possível com o novo país. Tratou-se ainda da família que acompanha o expatriado e como as suas respostas ao novo país e cultura também têm grande impacto na adaptação de quem se realocou.

Foram explorados temas ligados às motivações conscientes e inconscientes que levaram à expatriação, assim como o uso de línguas durante a terapia. As respostas trouxeram diversos aspectos ligados às motivações inconscientes, como a fuga de situações difíceis no país de origem, busca de separação dos pais e procura por identidade. Foram explorados temas como a idealização do país de destino, as dificuldades de integração linguística e cultural e as consequências destes aspectos no processo dos pacientes.

Pôde-se constatar também que a língua materna aparece na análise como uma possibilidade de respiro, de contato com uma cultura conhecida e aconchegante, assim como uso da língua estrangeira pode ser utilizada como mecanismo de defesa, como escape para situações de grande impacto emocional sentidas pelo paciente e racionalização dos afetos.

Em termos gerais, as respostas ao questionário estiveram em consonância com a literatura estudada. Diversos temas foram levantados acerca da temática da expatriação e, desta maneira, este trabalho pôde compilar os principais aspectos ligados ao atendimento de expatriados em psicoterapia.

## 8 REFERÊNCIAS

AYOUCHE, T. Clínica psicanalítica da língua: vias associativas interlinguísticas, tradução e transferência. *Estudos de Psicologia*. Campinas, 32(1), p.97-107, janeiro - março 2015.

BETANCOURT, E. R. ; ANCONI, M. R. (Org). *Psicanálise Afora: percurso e clínica de psicanalistas brasileiros no estrangeiro*. São Paulo, Blucher, 2021.

2019 Internationally Mobile Employee Benefits Design Survey - Willis Towers Watson. Disponível em: <https://www.willistowerswatson.com/en-IN/Insights/2020/02/2019-internationally-mobile-employee-benefits-design-survey> Acesso em: 20 de mai. 2021.

BORBA, D. *Individuação e expatriação: resiliência da esposa acompanhante*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

BOTTON, A. *The art of travel*. New York, Vintage, 2002

Expat Insider 2019. Disponível em:

[https://cms-internationalsgmbh.netdna-ssl.com/cdn/file/cms-media/public/2019-09/Expat-Insider-2019\\_The-InterNations-Survey\\_0.pdf?fbclid=IwAR1TiJXP6N9Y009PddPjKxONNt\\_I1ZK2G3E43xICAakiyDrFcRvLit5pVNc](https://cms-internationalsgmbh.netdna-ssl.com/cdn/file/cms-media/public/2019-09/Expat-Insider-2019_The-InterNations-Survey_0.pdf?fbclid=IwAR1TiJXP6N9Y009PddPjKxONNt_I1ZK2G3E43xICAakiyDrFcRvLit5pVNc). Acesso em: 07 de mai. 2021.

ESCOBARI, D. *Quem da pátria sai a si mesmo escapa?: um estudo psicanalítico sobre um caso de migração*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

FREUD, S. Estudos sobre a histeria (1893-1895). In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ Recordar, repetir e elaborar (1914). In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

GONZÁLEZ, J. M. R.; OLIVEIRA, J. A. O. Os efeitos da expatriação sobre a identidade: estudo de caso. *Caderno EBAPE.BR*, v. 9, n. 4, p. 1122-1135, 2011.

KORENBLUM, S. *Familias en Tránsito: las mudanzas internacionales y su impacto familiar*. Buenos Aires, Lumen, 2003.

KUMAR, A.; NAYAR, K. R. COVID 19 and its mental health consequences. *Journal of Mental Health*, 30:1, 1-2, 2021.

LEBOVITZ, D. *The Sweet life in Paris*. New York, Brodway Paperbacks, 2009.

LHULLIER, L. A. . *Quem é a psicóloga brasileira? Mulher, psicologia e trabalho*. Brasília, Conselho Federal de Psicologia, 2013.

MELMAN, C.; CALLIGARIS, C. *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. São Paulo, Escuta, 1992.

ROCHA, A. (Org.) *Internacionalização das empresas brasileiras: estudos de gestão internacional*. Mauad, Rio de Janeiro, 2002.

TAVARES, M. C. *Refazendo a América: imigração temporária de executivos espanhóis para Salvador*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

TEIXEIRA, L. A. A.; SILVA, J. T. M.; LESSA, L. C. C.; Executivos brasileiros expatriados: percepções da nova função e influência da distância psíquica. *Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 1, p 19-38, 2011.

## APÊNDICES

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Olá, sou Regina Gauer Nogueira, aluna do curso de Psicologia da PUC-SP, e estou realizando uma pesquisa cujo objetivo é investigar as particularidades no atendimento psicoterapêutico de brasileiros expatriados. O presente questionário constitui parte da pesquisa a respeito das especificidades que se apresentam aos psicólogos(as) nos atendimentos a expatriados durante sua prática clínica. O objetivo consiste em mapear os principais aspectos relevantes no atendimento psicoterapêutico de expatriados.

Os procedimentos da pesquisa consistem em analisar as respostas a um questionário online acerca do tema que será respondido por psicólogos(as) formados(as) há mais de três anos e com experiência em atendimento a expatriados há pelo menos três meses. Ressalto que minha pesquisa não envolve nenhuma ajuda de custo às/aos participantes.

A participação é voluntária, havendo a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa, portanto, não gera custos ou compensação financeira. Os dados destinam-se unicamente a fins acadêmicos. O uso das informações por mim oferecidas está submetido às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha pesquisa está sendo realizada sob a orientação da profa Dra Ivelise Fortim, docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Informo, ainda, que sua participação na pesquisa é voluntária e que eu e a Profa. Ivelise garantimos o sigilo das informações que você me fornecerá no questionário, bem como o seu anonimato. Outros esclarecimentos também poderão ser solicitados se você julgar necessário. As informações de contato dela estão indicadas no final deste termo.

Como benefício, o resultado da pesquisa poderá ser utilizado para agregar um conhecimento mais amplo a respeito da saúde mental da população pesquisada. Os resultados deste estudo poderão ser publicados, mas seu nome não aparecerá e será mantido o mais rigoroso sigilo das informações que possam identificá-la/o.

Considero importante esclarecer que minha pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, cuja função é analisar e rever os aspectos éticos das pesquisas feitas com a participação de seres humanos, com a finalidade de salvaguardar os direitos das/dos participantes destas pesquisas.

A possibilidade de desconforto e risco para você é mínima, contudo, se houver alguma mobilização psicológica negativa decorrente das questões presentes no questionário, a Clínica Psicológica “Ana Maria Poppovic” do curso de Psicologia da PUC-SP oferece serviços de atendimento psicológico.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Profa. Dra. Ivelise Fortim - Endereço: Rua Monte Alegre, 984, sala T52A, Perdizes, São Paulo-SP, CEP.: 05014-901 tel. (11) 3670-8320

COMITÊ DE ÉTICA DA PUC-SP: Endereço: Rua Ministro Godói, 969, sala 63C, Perdizes, São Paulo-SP, CEP: 05015-001 Tel. (11) 3670-8466 / Fax: (11) 3670-8466 Horário de atendimento: de 2ª a 6ª feira, das 9:00 às 18:00hs

**CONCORDÂNCIA COM O TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Li as informações acima sobre a pesquisa Particularidades no atendimento psicoterapêutico de brasileiros expatriados, que está sendo conduzida pela equipe composta pela aluna Regina Gauer Nogueira e pela professora Ivelise Fortim, e me considero esclarecida/o sobre seu conteúdo e seus objetivos. Em decorrência, declaro que aceito participar da mesma por meio do questionário online.

São Paulo, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Nome \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) participante

Profa Ivelise Fortim

Responsável pela pesquisa

## Modelo do Questionário

### Apresentação:

Olá, sou Regina Gauer Nogueira, aluna do curso de Psicologia da PUC-SP, e estou realizando uma pesquisa cujo objetivo é investigar as particularidades no atendimento psicoterapêutico de brasileiros expatriados (que escolheram morar fora do Brasil por um período de tempo determinado devido à carreira ou estudos, ou acompanhando familiares).

O presente questionário constitui parte da pesquisa a respeito das especificidades que se apresentam às psicólogas nos atendimentos a expatriados durante sua prática clínica.

O objetivo consiste em mapear os principais aspectos relevantes no atendimento psicoterapêutico de expatriados. Se você é psicoterapeuta formado/a há mais de 3 anos e atende há mais de 3 meses brasileiros expatriados, por favor responda às questões a seguir para colaborar com esta pesquisa!

Obrigada, Regina Gauer

### Questionário:

1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### Dados do psicólogo(a)

2. Você é formado em psicologia há mais de 3 anos?
  - Sim
  - Não
  
3. Você atende brasileiros expatriados há mais de 3 meses em psicoterapia?
  - Sim
  - Não
  
4. Há quanto tempo você se formou?
  - 3-5 anos
  - 6-10 anos
  - 11-20 anos

- 21-30 anos
- 31-40 anos
- 41-50 anos
- Mais de 51 anos

5. Gênero

- Mulher
- Homem
- Não Binário
- Outros

6. Qual abordagem teórica você usa?

- Não uso abordagem específica
- Psicanálise
- Psicologia Analítica
- Análise do Comportamento
- Terapia Comportamental Cognitiva
- Psicologia Fenomenológica
- Psicodrama
- Gestalt
- Psicologia Humanista
- Neuropsicologia
- Psicoterapias corporais
- Outra (especifique) \_\_\_\_\_

**Perfil dos expatriados**

7. No seu atendimento aos pacientes expatriados, quais os temas que mais frequentemente aparecem no atendimento, relacionadas à situação de ser expatriado?

- Preconceito
- Rede de apoio
- Novas amizades
- Relacionamentos amorosos
- Comunicação na língua local
- Diferenças culturais
- Burocracia
- Alimentação
- Questões de gênero
- Questões com o corpo
- Adaptação do parceiro

- Adaptação dos filhos
  - Outros: \_\_\_\_\_
8. No seu atendimento aos pacientes expatriados, quais motivações explicitadas para a expatriação costumam ser mencionadas?
- Busca de melhores oportunidades financeiras e de carreira
  - Expatriado transferido por conta de seu trabalho
  - Oportunidade de estudo fora do país
  - Acompanhar cônjuge / parceiro(a)
  - Encontrar com parceiro(a) de namoro à distância
  - Incentivo de familiares para morar em outro país
  - Fuga da situação instabilidade política brasileira
  - Fuga da situação econômica brasileira
  - Fuga de violência urbana
  - Fuga de situação familiar no país de origem
  - Evento traumático / dificuldade que tenha desencadeado a vontade de mudar de vida
  - Acompanhar os filhos que se mudaram
  - Nascimento dos netos
  - Vontade de morar fora desde criança / adolescente
  - Relatam sonhos ligados ao tema antes de terem se decidido pela viagem
  - Interesse em outras culturas / línguas
  - Fantasias / expectativas em relação ao país específico
- Outros: \_\_\_\_\_
9. Como terapeuta, você percebe outras motivações não conscientes ou não explicitadas pelo paciente na terapia?
- Sim
    - Se sim, quais? \_\_\_\_\_
  - Não
10. Durante o atendimento o paciente traz vocábulos em outras línguas para tentar se expressar?
- Sim
    - Se sim, isso ocorre em situações muito carregadas de afetos?
    - A falta de palavras se mostra um mecanismo de defesa / racionalização em relação ao tema?
    - Outros: \_\_\_\_\_

- Não

11. Deseja adicionar alguma outra questão relevante no atendimento de expatriados que não foi listada neste questionário?

- Sim
  - Se sim, quais? \_\_\_\_\_
- Não

Obrigada!